Sobre a constituição dos *corpora* no campo da aquisição da linguagem

Maria Fausta Pereira de Castro

Resumo: *Notre proposition est de montrer les implications théorico-méthodologiques qui découlent de la décision de déplacer le regard du théoricien de la phrase, unité privilégiée par la théorie générative dans l'écriture des grammaires enfantines, vers le dialogue entre l'enfant et l'adulte. L'analyse des corpora ainsi constitués a pu montrer des relations structurales entre les énoncés de l'un et de l'autre, soutenues par le processus d'incorporation par l'enfant des fragments de la parole de l'adulte. Les fautes constatées donnent à voir le paradoxe d'un discours qui est déterminé par ce que dit l'adulte et qui en même temps s'en éloigne par une parole imprévisible. L'enfant donne à voir sa singulière position face à la langue et face à ce qui lui arrive par la parole de l'autre. Pour conclure, nous devons exploiter les implications théoriques de cette décision méthodologique qui, en privilégiant le dialogue, met en relief la singularité d'un enfant.*

Palavras-chave: *interacionismo; corpus/corpora; diálogo; unidade de análise; singularidade.*

Ao ser convidada para colaborar com um número da *Organon*, dedicado ao campo da aquisição de linguagem, decidi trazer para este volume um tema ex-

Maria Fausta Pereira de Castro é professora do Departamento de Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem- UNICAMP e membro do Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem.

plícita ou implicitamente presente em muitos trabalhos da área, a saber: a questão da constituição (e análise) dos *corpora*.

A primeira inserção deste artigo foi uma apresentação oral, em francês, como participação no Simpósio intitulado *On the interval between speech and speech data: theoretical- methodological issues*, na *Xth International Pragmatics Conference*¹, Gotemburgo, Suécia.

Como o próprio título do Simpósio indica parte-se da existência de um hiato entre a fala viva e a sua constituição como parte de um *corpus*. Problematicada a questão, faz todo o sentido se perguntar sobre os desafios teórico-metodológicos que a necessária passagem implica.

É, pois, nesse quadro de questões que se discutem as hipóteses deste trabalho.

Os estudos em aquisição da linguagem foram marcados nos anos 70 por um movimento que gerou mudanças tanto no campo das indagações metodológicas quanto na proposta teórica das inúmeras pesquisas da área. Trata-se da constituição de projetos de pesquisa longitudinais, que tiveram como objetivo descrever e analisar dados de crianças ao longo do seu processo de aquisição de linguagem. Esse foi o caso do Projeto da Universidade de Harvard coordenado por Roger Brown, da Universidade de Edimburgo, do CNR de Roma, o Projeto brasileiro da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - coordenado por Cláudia Lemos, entre outros no mundo.

Depois da obra dos diaristas, que realizaram ao final do século XIX e no início do século XX um rico trabalho descritivo e mais ou menos intuitivo sobre as mudanças observadas nas falas de seus filhos, deixando uma fonte valiosa para outros pesquisadores, os projetos longitudinais dos anos 70 lançaram a questão da constituição de um *corpus* ou de *corpora*. A escrita da teoria não deixou de ser afetada por essa questão e pelo problema relativo ao estatuto do "dado", nem sempre explicitamente reconhecidos, mas atuantes nas decisões dos pesquisadores. O que reter dos diálogos gravados em sessões de coleta de dados quando geralmente a criança está em interação com um adulto, pai, mãe ou pesquisador?

Tome-se, por exemplo, o trabalho de Bloom (1970), que não leva em conta os dados da fala infantil que repetem o adulto por considerá-los como imitação ("duplicação") e não especificamente uma fala da criança. Tal decisão estabelece um ponto de vista de análise que se quer fiel ao próprio à criança, não contaminado pelo que diz o adulto, quando o diálogo entre eles mostra que é partir da fala desse último que a da criança se constitui.

Nos "Procedimentos para análise dos dados obtidos" Bloom afirma:

¹ "Sobre o intervalo entre a fala e os dados de fala: desafios teórico-metodológicos". Simpósio coordenado por Maria Francisca Lier de Vito e Lourdes Andrade.

"O *corpus* dos enunciados selecionados para a análise gramatical consistiu de construções de mais de um provável morfema ocorrido ao longo de uma amostra de fala. A identidade morfêmica foi inicialmente atribuída a formas com *status* de morfema no modelo adulto ou formas que não estavam no modelo adulto, mas eram produtivas no léxico da criança. Análises subsequentes revelaram com frequência que certas formas não eram contrastivas – por exemplo, (...) "here" no enunciado "here mommy" (...) quando (1) "here" não ocorria em outro lugar e (2) "here mommy" acompanhava o gesto de Gia ao entregar objetos a outras pessoas, além da mãe. Duplicações, com ou sem redução, de algo dito para a criança; repetição imediata do mesmo enunciado pela criança; fragmentos de canções, rimas, ou estórias; e enunciados completamente ou parcialmente ininteligíveis não foram incluídos na análise" (BLOOM, op. cit., p. 17. Tradução e grifo meus. Itálicos da autora).

Questões como essas evocam as notáveis observações de Saussure a respeito das dificuldades do trabalho do investigador com a linguagem. Refiro-me aqui a uma delas, presente nos *Écrits de Linguistique Générale*, publicado em 2002².

"O erro incessante e sutil de todas as distinções linguísticas é acreditar que, ao falar e um objeto *de um certo ponto de vista*, se está, por isso, no referido ponto de vista; em nove entre dez casos, a verdade é justamente o contrário, por uma razão muito simples. Lembremos, com efeito, que o *objeto* da linguística não existe para começar, não é determinado em si mesmo. Daí, falar de um objeto, *nomear* um objeto, nada mais é do que recorrer a um ponto de vista A determinado. Depois de ter denominado um certo objeto, abandonado o ponto de vista A, que não tem existência absolutamente a não ser na ordem A, e que não seria mesmo uma coisa delimitada fora da ordem A, é permitido, talvez (em certos casos), ver como se apresenta esse objeto da ordem A, visto segundo B. Nesse momento se está no ponto de vista A ou no ponto de vista B? Regularmente, será respondido que se está no ponto de vista B; é que se cedeu, mais uma vez, à ilusão de seres linguísticos que levam uma existência independente. A mais difícil de captar, mas a mais benéfica das verdades linguísticas, é compreender que, nesse momento, não se deixou, ao contrário, de estar fundamentalmente no ponto de vista A, pelo simples fato de que se faz uso de um termo da ordem A, cuja noção, ela mesma, nos escaparia segundo B. (SAUSSURE, 2004, p. 26).

Tomar o diálogo adulto-criança - adotar esse ponto de vista - deixando de lado a análise dos efeitos da fala do primeiro sobre a desta última é de certo

² Edição Brasileira: "Escritos de Linguística Geral", 2004.

modo ceder à ilusão de que fala Saussure. É esquecer que este gesto metodológico tem como consequência a constituição de um dado que deve sua existência a esse diálogo ou, na visão de Saussure, só existe na ordem A.

O debate sobre a constituição de *corpora* na aquisição de linguagem acarreta o tema da unidade de análise, recorrente no debate da linguística (SAUSSURE [1916] 1968; BENVENISTE, 1966). O diálogo entre adulto e criança, transcrito em um *corpus*, não só repõe a pertinência do tema como também, visto de um certo observatório, descortina o intervalo entre a fala viva e os dados de fala.

Por outro lado, há sempre o risco da ilusão totalizante, sugerida por um conjunto de dados. Para Saussure a proximidade da linguagem pode ser enganadora. O autor está sempre preocupado em desvelar as ilusões que rondam a escrita da teoria. « A língua [a linguagem?] nos parece muito próxima de nossa mão: talvez ela esteja perto demais [...] há aí uma ilusão (SAUSSURE, in BOUQUET, 1997, p. 192)³.

Essas dificuldades podem ser sentidas nos constantes movimentos dos investigadores em busca de soluções metodológicas e/ou teóricas na análise de seus dados obtidos através de gravações ou em notações em diários.

Cito aqui o esforço empreendido por Scollon (1979) ao propor uma metodologia de trabalho que considera tanto as repetições presentes na fala da criança quanto a imbricação do turno do adulto na composição do enunciado infantil. Segundo o autor, a criança partiria de uma “*sintaxe vertical*” (sic), dependente da participação do outro e das repetições, para chegar a uma “*sintaxe horizontal*” (sic), independente desses fatores.

Note-se aqui uma posição distante daquela assumida por Bloom (op.cit.). Enquanto ela se interroga sobre o estatuto lingüístico das formas encontradas na sua amostra e descarta as incorporações da fala do adulto pela criança, Scollon as inclui como modo de “*construção*” dos enunciados no percurso da aquisição da linguagem.

O autor vai ainda mais longe na sua escuta; o estudo inicial - o desenvolvimento fonológico de Brenda, sua filha - sofre um desvio: ele se encanta com os pequenos diálogos entre a criança e o adulto, procura na literatura uma resposta às inúmeras questões suscitadas por esse novo modo de ler o dado e o que encontra foi parafraseado por “se a criança não usa sentenças, ela não fala” (idem, p. 218). Entretanto, nos seus diálogos com Brenda “era certo que ela podia falar. Era certo também que ela não usava sentenças” (idem: ibid).

O abandono da perspectiva que privilegia a sentença como unidade de análise é explícito.

³ Minha tradução. Como existe uma edição brasileira, que não tenho em mãos, trancrevo aqui o original: « La langue [le langage?] nous paraît tout près de notre main : peut-être elle est trop près [...] il y a là une illusion » (SAUSSURE, in BOUQUET (1997: 192).

“Tentando conciliar os dados brutos que reuni com o conhecimento que adquiri na linguística e com o conhecimento que foi encontrado nas fontes “*standard*” sobre a linguagem da criança, eu me deparei com um grupo de sinônimos muito próximos. Vi que “*construção*” é “*sentença*” é “*sintaxe*” é “*gramática*” é “*linguística teórica*” é “o próprio assunto de todos nós na linguística”. De um modo geral eu tive de decidir que “*construção*” não é necessariamente “*sentença*” (...) (idem: ibid. Minha tradução).

Não pretendo aqui traçar um histórico da aquisição da linguagem nem me contrapor ou comentar seus diversos movimentos. Mas os trabalhos de Bloom e Scollon mostram, de um lado, como o problema da relação da fala da criança com a fala do adulto se impõe nas pesquisas em aquisição, já na década de 70; problema que se soluciona em Bloom pela eliminação dos efeitos da fala do adulto e em Scollon pelo reconhecimento do seu valor na constituição dos enunciados da criança. Por outro lado, em ambos, a questão do estatuto lingüístico da fala da criança se faz presente: como encarar a heterogeneidade e a indeterminação da sua fala? Como constituí-la como objeto de análise do investigador? Vimos acima o encaminhamento dado por cada um dos pesquisadores ao problema⁴.

De Lemos (2002), ao comentar alguns de seus próprios trabalhos anteriores, traz as questões acima para marcar a direção teórica que ela assume a partir de 1981, isto é, o reconhecimento do diálogo como unidade de análise.

“(…) em vez de regularidades, encontrei a heterogeneidade sob a forma de fragmentos do enunciado precedentes do adulto, restos de expressões usadas pelo adulto em determinadas situações, “*flexões*” que, na verdade só ocorriam com um determinado verbo, enfim algo que resistia à sistematização. Ainda assim a mudança estava ali na fala da criança, na eficácia que ela aparentava ganhar através da interpretação do adulto, na maior extensão dos enunciados e em seu contínuo deslocamento para outras situações”. “(…) o que emerge desse primeiro momento do meu trabalho com os dados do Projeto é a noção de processos dialógicos que visava a dar um estatuto, pelo menos descritivo, à congruência entre a fala da criança pequena e a de seu interlocutor adulto que esses dados mostravam”. “(…) o diálogo- e não enunciado isolado da criança- era a unidade de análise(…). (DE LEMOS, op.cit, p. 44-46. Ênfase da autora).

O passo teórico em direção ao reconhecimento do diálogo como unidade de análise deu origem a uma série de mudanças na escrita da teoria em aquisição de linguagem, tanto no trabalho da autora, quanto no grupo de pesquisa-

⁴ A menção ao trabalho de Scollon deve ser acompanhada de uma observação: o pesquisador não deu prosseguimento à visão aqui explicitada. Sua reflexão se encaminhou para os aspectos mais sociais da interação.

dores que se filiam ao interacionismo em aquisição de linguagem⁵. Inclusive o distanciamento de uma visão puramente dual do diálogo para um reconhecimento que inclui não só o papel do outro, mas ao mesmo tempo, da língua e da linguagem enquanto Outro.

Partindo da hipótese que os dados sobre a fala da criança não podem ser encarados como uma noção neutra e homogênea, unificada pelo conceito de *corpus/corpora*, meu propósito é mostrar as implicações teórico-metodológicas que decorrem da decisão de deslocar o olhar do investigador da sentença, unidade privilegiada na escrita das gramáticas infantis, para o diálogo entre a criança e o adulto.

A análise dos *corpora* assim constituídos pôde mostrar as relações estruturais entre os enunciados de um e de outro, sustentadas pelo processo de incorporação pela criança dos fragmentos da fala do adulto.

No eixo dessas relações ressalto aqui certos erros que a criança comete. Sua descrição ou análise põe o investigador face ao paradoxo de uma fala que é determinada pelo que diz o adulto e que ao mesmo tempo dele se distancia por uma fala imprevisível.

Nesse caso dever-se-ia indagar sobre o que resta acessível ao investigador do deslocamento efetuado pela criança no momento mesmo da enunciação, isto é, na cadeia da fala em ato.

Tomo para análise alguns episódios da fala infantil que ilustram o problema. Trata-se de enunciados em que se observa o uso imprevisível do operador de negação do português do Brasil não, obrigando ao investigador a se interrogar sobre o trajeto percorrido pela criança.

É a meu ver o ponto de vista do diálogo como nível de análise que permite a ele acompanhar o movimento da criança, o que à primeira vista resiste à explicação.

Seguem os dados⁶:

Episódio 1: (conversando com a avó materna, enquanto passeiam pelo bairro. A um certo momento, sentadas em um banco, sem que o tema estivesse em questão, a criança diz)

C: Eu não tavu batendo na Capitu, meu caçôlo.

A: Não?

⁵ Para acompanhar o percurso teórico do interacionismo recomendo aqui a leitura de dois artigos recentes em que o tema é abordado: Pereira de Castro e Figueira (2006) e Lier de Vitto e Carvalho (2008).

⁶ Estes dados foram também discutidos no artigo "A criança na enunciação: sobre as rupturas do argumentar" in "Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil" (no prelo). EDUPCRS (15-21)

C: Não, (é?) puque eu num gótu dele (a?)

(L:2;6.2)

Episódio 2: (preparando-se para ir à casa dos avós paternos para se encontrar com o primo, de quem é muito próxima)

C: Eu num vô batê no Tiago puque, puque, eu num gótu dele.

(L: 2;6.3)

Episódio 3: dois adultos - a avó e uma outra pessoa - preparam o almoço na cozinha. A criança entra e diz:

C: eu não estou com fome.

A: (explica para a criança que ainda está cedo; quando o almoço estiver pronto, ela terá fome).

(minutos depois a criança volta a entrar na cozinha)

C: eu não estou com fome.

A: (explica mais uma vez que o almoço não está ainda pronto, mas quando estiver ela terá fome. A explicação do adulto não impede, porém, que a criança repita uma terceira vez o mesmo enunciado).

C: eu não estou com fome.

A: (mudando a direção de sua argumentação).

Está bem, você não está com fome; mas o que quer comer?

C: feijão, arroz, carninha etc...

(o almoço lhe é servido e ela come com entusiasmo).

(L: em torno de 3; 6)

Os enunciados acima surpreendem pela contradição que criam. Neles se pode reconhecer não só a incorporação de argumentos do adulto como também o deslocamento que a fala infantil promove ao fazê-los circular em outras situações discursivas, fato que põe a criança em nova posição enunciativa.

Note-se que nos dois primeiros episódios há uma inversão da direção argumentativa presente nos textos familiares: "quem gosta não bate", "não se bate em quem se gosta"; "se você gosta então não bata" e tantos outros. Na fala da criança a retroação do segundo segmento sobre o primeiro - da apódoze sobre a prótase - promove no encadeamento um efeito argumentativo às avessas, isto é, "não bater porque não gosta".

O terceiro episódio, que advém do *corpus* de outra criança, mostra por sua vez o uso da negação pelo ângulo da distância que se cria entre o enunciado e a presumível "intenção da criança". É a escuta do adulto - tocado pela insistência dos enunciados da criança - que desata a cadeia de repetições e dá nova direção aos enunciados, interpretando-os como um pedido de comida.

Diante desses fatos e assumindo aqui o ponto de vista do investigador, pergunto: de onde vêm esses enunciados? Qual a sua origem?

A fala imprevisível da criança deixa entrever a singularidade da sua relação com a língua e com a fala do outro e nesse sentido é preciso retrair parte do

seu trajeto no sistema simbólico; na série de afluições, sobredeterminações e oposições que situam o operador de negação ao mesmo tempo em vários registros. É sob o efeito das evocações – no eixo associativo da língua – que a criança circula por esses registros.

Os enunciados aqui analisados têm sua origem em perguntas dirigidas pelo adulto à criança, com o recurso ao operador de negação não, mas que do ponto de vista semântico e pragmático são interpretáveis como afirmações; como um pedido de confirmação da parte do enunciado que está sob o escopo do operador de negação: “*você não está com fome?*”; “*você não gosta dele?*”.

O erro ocorre no momento em que a criança toma o enunciado do outro em bloco, mas sob a forma de uma asserção em primeira pessoa, o que o torna efetivamente interpretável como uma negação – “*eu não vou bater...porque eu não gosto dele*”; “*eu não estou com fome*” – deslocamento que tem como efeito uma contradição e uma opacidade integral do que se poderia dizer sobre a sua intenção.

É no espaço de interrogação aberto por essas questões que se move o investigador para retrair a rede de relações por que estão unidas a fala da criança, a do adulto e a língua, cujo funcionamento promove efeitos na fala da criança e impede qualquer visão do diálogo como uma coincidência ou simetria entre seus participantes⁷.

O movimento do investigador é, nesse sentido, guiado pela teoria, que nos casos aqui analisados, lhe conduz de um ponto de partida específico a toda criança e generalizável – o constante processo de incorporação da fala do adulto – para a análise de um fato singular: a irrupção de uma fala imprevista. Não é possível prever em que ponto da cadeia significante vai incidir o deslocamento, o erro.

Nesse trajeto ele não escapa à sua posição de falante – a atividade gramatical existe e é própria a todo sujeito falante⁸ – o que o permitiria reconhecer a plausibilidade de uma hipótese que vai além daquilo que está empiricamente presente no *corpus* ou na sessão de gravação, ao estabelecer aquelas perguntas habitualmente dirigidas a um interlocutor sob forma negativa, mas a guisa de um pedido de confirmação, como a origem da fala e do deslocamento operado pela criança.

⁷ Sobre essa questão, ver Pereira de Castro (2004).

⁸ O julgamento sobre o possível/impossível de dizer em uma língua é próprio da atividade gramatical de todo sujeito falante e está igualmente incluído em uma série de proposições empíricas da linguística, que Jean Claude Milner discute através de uma reflexão estimulante sobre o *factum grammaticae*. Para Milner, a atividade gramatical é um fato presente tanto de forma explícita – como uma tradição gramatical – quanto como julgamento implícito. Esse fato diz alguma coisa sobre os locutores e, provavelmente também, sobre o que eles dizem. É preciso, diz o autor, que as línguas tenham propriedades que “expliquem que a atividade gramatical seja simplesmente possível” (Milner, 1989: 53-54).

Entretanto, as considerações sobre o movimento do investigador não podem, não devem, ser tomadas como garantia de sucesso do seu empreendimento, como adverte Milner (1982) sobre a posição do lingüista, que está sempre dividido entre ser falante e tomar como objeto de estudo aquilo que o constitui como tal, isto é, a língua. Nesse sentido cabe indagar sobre a posição peculiar do pesquisador no campo da aquisição de linguagem, ao lidar com uma fala insólita, que parece estar dentro e fora da língua⁹, como nos mostram os episódios aqui discutidos.

A ilusão da proximidade da linguagem de que fala Saussure (2004) obriga o investigador a se interrogar constantemente sobre o método de aproximação do seu objeto, para se guardar de toda antecipação com relação aos fatos a analisar. Os fatos de linguagem, diz ainda o autor, são “tão próximos a nós mas, na mesma medida, tão difíceis de captar em sua essência” (idem:130).

Pode-se então perguntar: qual seria a essência da fala infantil, tão difícil de apreender? Pergunta que nos leva ao interacionismo e ao seu compromisso com um ponto de partida: a heterogeneidade da fala da criança frente à língua constituída, ou frente à fala do adulto, é efeito tanto do processo de incorporação da fala do outro, quanto do funcionamento da língua sobre os fragmentos incorporados.

Carvalho (2005, entre outros) e Lier de Vitto e Carvalho (2008) tratam da questão do investigador face à marca singular das produções infantis. A esse respeito perguntam então as autoras ao mencionarem o artigo de Carvalho¹⁰:

“O investigador, na sua tentativa de aplicar uma determinada teoria a falas de crianças – ou melhor dizendo, ao se fixar nessa tentativa – não estaria esquecendo o problema da relação entre o seu compromisso com a escuta dessa fala e o ideal da teoria (de generalização, de universalização)?” (idem)¹¹.

Como resposta a essa e outras indagações Carvalho levanta a possibilidade de que os freqüentes obstáculos à escuta para a singularidade da fala da criança sejam decorrentes “da fixação do investigador na suposição de “ter um saber teórico” sobre a criança”. Como observam as autoras, o interacionismo procura

⁹ Ver a esse respeito Milner (1989) sobre a necessária disjunção entre o possível e o impossível lingüístico e o materialmente possível e impossível. Ver ainda Pereira de Castro (1998), em que analiso um episódio de fala da criança que, embora agramatical, deixa entrever suas relações com a língua. Parte dessa análise se baseou na discussão de Wittgenstein (1975) sobre a questão. Por outro lado, Lier de Vitto e Carvalho (op.cit) citam Lemos, M.T. (2006) sobre o investigador “surpreendido” por combinações singulares “que parecem pertencer e não pertencer à língua”.

¹⁰ (2005)

¹¹ O livro acaba de ser publicado, mas as autoras ainda não têm em mãos o volume para a indicação da página em que se encontra esta citação.

sustentar o impasse entre o compromisso com a criança e com a teorização. Nesse sentido o investigador pode ser interrogado em relação aos seus “objetivos de regularização/ generalização/universalização” (idem)¹². Há ao mesmo tempo o constante “esforço de teorização” e a assunção do estatuto de provisoriade do interacionismo, isto é, “o movimento contínuo de fazer/desfazer/refazer a teoria” (idem).

Para concluir este artigo saliento ainda a distância que separa as hipóteses sobre a relação do investigador com o *corpus* ou *corpora*, tal como aqui propostas, daquela que animou o projeto inicial dos psicolinguistas. A menção ao livro de Bloom (op. cit.) neste trabalho teve como objetivo explicitar alguns pressupostos desse projeto da psicolinguística dos anos 60-70.

Como bem observa de Lemos (2003), o que se esperava era que a diferença que caracteriza a fala da criança se “restringisse a lacunas a serem preenchidas relativamente à língua/gramática do adulto, cujo modelo era o falante/ouvinte ideal de Chomsky” (idem: 27).

Nesse sentido o projeto inicial era o de escrever gramáticas infantis que foram tomadas como “sínteses temporárias de conhecimentos parciais”. Ainda segundo a autora “(...) o fracasso da escrita das gramáticas infantis trouxe à tona diferenças que ainda que tratadas como “erros”, mostravam tanto a incorporação quanto o distanciamento da fala do adulto” (idem, 27-28).

Este artigo procurou mostrar algumas das implicações de uma decisão teórico-metodológica que, ao privilegiar o diálogo, põe em relevo a singularidade de uma criança na sua relação com o outro e com a língua.

Bibliografia

- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris, Gallimard, 1966.
 BLOOM, Lois. *Language development: form and function in emerging grammars*. Cambridge, Mass, MIT Press, 1970.
 BOUQUET, Simon. *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris, Payot, 1997.
 CARVALHO, Glória Maria M. Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vols. 1 e 2, n.47, p.61-67, 2005.
 DE LEMOS, Cláudia Thereza G. Interactional processes in the child's construction of language. In W. Deustch (ed.) *The child's construction of language*. Cambridge, CUP, 1981

¹²Ver nota 11.

- _____. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIM* 3, p. 97-136, 1982.
 _____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. In *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas n° 42, p. 41-69, 2002.
 _____. *Corpo & Corpus*. In Leite, N.V.A. (org.) *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas, Mercado de Letras, 2003.
 LEMOS, M.T. O sujeito imprevisto. In Lier de Vitto, M.F ; Arantes, L (orgs.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, EDUCSP/FAPESP, 2006.
 LIER DE VITTO, Maria Francisca; CARVALHO, Glória Maria M. Interacionismo: um esforço de teorização em Aquisição da Linguagem. In Finger, I.; Quadros, R. (orgs.) *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2008
 MILNER, Jean Claude Linguistique et Psychanalyse. In *Encyclopaedia Universalis*. Corpus 27, p. 124-243, 1982.
 _____. *Introduction à une science du langage*. Paris, Seuil, 1989.
 PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. In *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n° 112, p.81- 87, 1998.
 _____. A argumentação na impossível simetria do diálogo: a aquisição de linguagem em questão. In *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n°137, p. 37-46.
 PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta; FIQUEIRA, Rosa A. Aquisição de Linguagem. In
 DE SAUSSURE, Ferdinand. *Escritos de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 2004.
 SCOLLON, Ronald. A real early stage: an unzipped condensation of a dissertation on child language. In OCHS, E & SCHIEFFELIN, B. (orgs) *Developmental pragmatics*. N. York: Academic Press, 1979.
 WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo, Abril. Coleção Os Pensadores, 1975.